



Arquivo
Bianca Boroni de Melo

arquivo
(ar·qui·vo)

substantivo masculino

1. Lugar ou edifício onde se guardam documentos.
2. Conjunto de documentos conservados e geralmente organizados.

Ano após ano, disciplina após disciplina, acumulou-se uma quantidade decente de textos que nunca veriam a luz do dia, escritas para atividades dos mais variados temas, uma prosa poética relacionada ao conto “A menina de lá” de Guimarães Rosa em Morfologia I, um conto sobre um paraquedista tendo problemas com o seu equipamento em Narrativa II, um miniconto fantástico sobre uma família diferente do habitual em Língua Inglesa I, um texto baseado na música “A banda” de Chico Buarque, outro que pegava emprestado palavras do vocabulário indígena. A parte mais difícil de escrever esses textos era a limitação do tema, ou da quantidade de palavras, ou ainda as características dos gêneros textuais exigidos, e essas dificuldades, ironicamente, foram a razão para que os textos tomassem forma, sem essas regras as ideias voariam para longe e o papel continuaria em branco, não há nada mais assustador que uma folha em branco.

Então, para essa última atividade, estão reunidos quatro anos em um arquivo.

Índice

- 01. Brincando de Montar
- 02. Através da janela
- 03. A queda
- 04. O gato
- 05. Encontre-me às onze
- 06. Bolo de Fubá
- 07. Segurança Kim
- 08. Detetive Kim
- 09. Uma família tradicional
- 10. Arquivos

01. Brincando de montar

Há pequenas mãos e há pequenas peças, há quadrados, círculos e triângulos e há formas desconhecidas, há rosa, roxo, verde e azul, há pequenos dedinhos que seguram as peças sem cuidado nenhum, essas mãos misturam o rosa com o azul e tentam encaixar os quadrados no lugar dos triângulos. As pequenas mãos desmontam e voltam a montar as palavras espalhadas pelo tapete da sala, o “A” e o “O” combinam e trocam de lugar. As palavras se juntam, formam frases e ganham vida, como um fantoche dançando nas mãos de um ventríloquo, elas soam como risos de crianças, como uma gargalhada sonora, às vezes soam como um soluço, como o choramingar de um recém-nascido que não sabe pedir ajuda. As peças se moldam e se contorcem até que as mãozinhas estejam satisfeitas, o jogo acabou por hora, mas as frases sempre podem ser desmontadas e montadas novamente.

02. Através da janela

“Não há lugar melhor que as cidades do interior”, eles dizem. Cidades onde o verde é predominante e o céu é de um azul claro e intenso, cidades de ruas estreitas e casas aconchegantes. Onde as noites não são iluminadas pelas grandes luzes artificiais das metrópoles, mas pelas estrelas brilhantes de um céu sem poluição, a melodia predominante não soa como buzinas e motores de automóveis, era mais parecido com uma canção de ninar tocada por grilos e cigarras.

A menina inclinada à janela se sente propensa a discordar da afirmação anterior, cidades do interior são *rotineiras* (chatas, cidades do interior são tão chatas), nunca há novidades... durante três meses vivendo ali, o maior evento que ela presenciou foi um furto na quitanda do seu Zé, na semana anterior e a fofoca de que a filha da Dona Maria engravidou na adolescência.

É por isso que a garota se sentiu tão empolgada quando soube que uma banda se apresentaria na praça da igreja e encontrou o lugar perfeito para assistir todas as festividades, através da janela do segundo andar de sua casa, de onde era possível observar toda a praça da igreja, assistir aos bêbados se divertindo no bar da esquina, o vizinho avarento dançando, um casal de amantes cantando a música um para o outro e a própria banda, que não era nenhum grupo famoso, mas tocava música boa, daquelas que te fazem balançar inconscientemente, relaxar e sentir vontade de tomar um sorvete de abacaxi, aquele tipo de música que...

— Filha, você já arrumou seu quarto? — grita a mãe no corredor.

A garota pulou com o susto e parou um momento para analisar, com tristeza, a bagunça espalhada pelo cômodo, ela suspirou e se afastou da janela, não sem antes dar uma última olhada para a pequena banda. Despedindo-se silenciosamente, ela prometeu que limparia o quarto com antecedência da próxima vez. Mas ela ainda deixaria a janela aberta para ouvir a música vinda de fora. E daria pequenas espiadas sempre que pudesse. Ela mal podia esperar para o próximo show.

03. A queda

Joel não precisa dar mais de dois passos para chegar até a porta aberta, ele dirige um último olhar para seus companheiros antes de pular, sabendo que logo eles o acompanharão. Eles tinham um show para realizar.

Quando era criança, Joel gostava de dar grandes saltos na cachoeira da cidade, e enquanto crescia seu hobbie também cresceu e evoluiu de “pular de uma rocha e cair na água” para “pular de um avião com apenas uma mochila entre ele e a morte certa”. A adrenalina, ele descobriu, fazia seu coração bater mais rápido, fazia com que ele se sentisse vivo. Era libertador.

Ele, assim como seus parceiros, não era um novato, ele tinha um treinamento adequado e experiência, mas isso não impedia o frio na barriga, não impedia o medo instintivo, não impedia a emoção de quase voar. (Não o impedia de sentir que algo estava errado). Então eles pularam.

Um por um eles coloriram o céu, transformando-se em um mosaico formado de pequenos pontinhos, era lindo. Todos juntos criavam imagens na imensidão azul, de longe parecia uma grande flor. (Mas algo parecia errado).

Suas mãos perderam o contato com as de seus colegas, a formação se desfez e, então, Joel sabia que aquela era a hora certa para ativar seu paraquedas. Exceto que ele não se abria. Joel tentou novamente, e mais uma vez, e de novo. E o fôlego deixou seus pulmões, seus movimentos se tornaram erráticos e seu maldito paraquedas não se abria.

As pessoas são inexplicavelmente apegadas à vida, Joel não era uma exceção. Há algo que o obriga a abrir os olhos toda manhã, há vontade de viver, de voltar para casa e abraçar seus cães.

— Socorro — ele gritou, sua voz soando abafada para seus próprios ouvidos, suas mãos buscavam desesperadamente algo para se segurar, alguém... mas ele estava longe demais.

Seus olhos se fecharam com força, o medo paralisou todo seu corpo. Com o chão cada vez mais próximo não havia nada que ele pudesse fazer além de rezar para que sua morte fosse rápida e indolor. Era melhor aceitar que, talvez, essa seja a última vez.

E então seus olhos se abriram com surpresa quando ele sentiu algo segurando seu ombro.

04. O gato

Assim que o sol nasce, o gato preto de pelos curtos passa por entre as frestas do portão e caminha rapidamente para seu pote verde, que já está cheio de comida. Ele finge que não vê o homem ali perto, segurando um saco de ração.

A comida acaba e o gato volta para a rua, ele observa atentamente os pássaros, que se assustam com a sua presença, rola no concreto quente, cava um buraco em um canteiro de flores e antes que perceba o sol já está alto no céu e sua barriga está roncando. O gato refaz seus passos até sua fonte inesgotável de comida: o humano dono da casa que ele invadiu. Mas seu pote de ração ainda estava vazio, o humano ainda estava atrás da porta fechada e o gato ainda está faminto.

O gato se prepara, ele coça a garganta, alonga suas costas e começa: miau miau miau (que na língua dos gatos significa “não me mate de fome”), o gato é obstinado, ele não desiste até alcançar seus objetivos, e o humano é um molenga que logo surge com uma cara cansada e com a sua refeição. O gato venceu uma batalha e sabe que há outras se aproximando, mas por enquanto ele tem pássaros para observar (e quem sabe dessa vez ele consiga vencer *essa* guerra, ele é um gato persistente).

05. Encontre-me às onze

Há muitos e muitos anos, quando os homens viviam em harmonia com os animais e com a natureza, e a noite era iluminada pelas estrelas, existia um forte guerreiro chamado Acir.

Acir lutou contra animais ferozes e enfrentou muitos desafios para proteger sua aldeia. Quando Acir carregou Potira pela primeira vez, depois de sua esposa morrer em um parto difícil, ele prometeu que seria um guerreiro ainda mais forte e corajoso para proteger sua aiya.

Potira cresceu lindamente, seus passos pela aldeia eram acompanhados por sussurros de admiração, os anciãos olhavam para ela com apreciação, as crianças com encanto, homens sonhavam com Potira e mulheres queriam ser como ela.

Conforme sua aiya ficava mais velha, Acir recebia mais e mais pedidos para cortejá-la, mas o homem não via nenhum dos guerreiros como alguém digno de sua filha e Potira não demonstrava amor por nenhum deles, tendo olhos apenas para Raíra, sua melhor amiga.

Acir via a amizade da filha com bons olhos, Raíra era como uma segunda filha, abacetê, boa gente, sempre fazia Potira sorrir.

Todos os dias, quando o sol estava perto do ponto mais alto no céu, as duas amigas se encontravam para preparar uma refeição e procuravam por Acir, os três sentavam juntos e comiam o que quer que as meninas tivessem cozinhado, depois as duas iam para a floresta, às vezes elas relaxavam embaixo de uma jabuticabeira, às vezes tomavam banho no rio, não importava o clima, chuva ou sol, as duas sempre encontrariam um jeito de passar um tempo juntas.

Entre todos os seus pretendentes de Potira, havia apenas um que causava preocupação, era estranho, abaité. Raíra dizia que sentia arrepios ruins quando ele estava por perto. No geral, guerreiros sabiam quando aceitar um não, mas esse homem parecia desconhecer o significado da palavra, ele levava carne e peles

de animais para Acir, tentando comprar a solidariedade do sogro, mas seu sorriso sumia assim que se afastava, uma carranca tomava o lugar em seu rosto.

Um dia, o homem decidiu seguir Potira, ele a encontrou na beira do rio, alimentando Raíra com frutas, louco de ciúmes, o homem matou as duas mulheres. Acir pressentiu que algo estava errado e as encontrou na floresta, ele fez justiça com as próprias mãos e só se permitiu chorar depois de enterrar o corpo das duas.

Rudá, com pena do guerreiro, fez brotar *Portulaca grandiflora* no túmulo delas. Conhecida como flor das onze horas, ela faz companhia para Acir ao se abrir todos os dias quando o sol está prestes a atingir o ponto mais alto do céu.

06. Bolo de fubá

Unidade militar, 1968

— Três ovos — exclama o sargento.

— Três ovos — repete o soldado, quebrando com cuidado um de cada vez.

— De leite, um copo.

— De leite, um copo — concorda o soldado, adicionado o líquido à mistura.

— De óleo, meio — a voz do sargento é alta o suficiente para que possa ser ouvido mesmo com o barulho do lado de fora.

— De óleo, meio.

— Duas xícaras de açúcar — o sargento manda e o militar com a patente mais baixa obedece, mesmo achando que poderia rimar melhor.

— Duas xícaras de açúcar.

— E duas de fubá.

— Duas de fubá.

— Três colheres de trigo e de fermento é uma só.

— Três colheres de trigo e de fermento é uma só — ele adiciona todos os ingredientes e aí...

— E aí, bate.

O soldado respira aliviado assim que liga o liquidificador, o estrondo abafa os gritos dos prisioneiros na sala ao lado.

07. Segurança Kim

O Teatro Shakespeare's Globe é diferente quando está vazio, depois que o espetáculo termina, que as cortinas se fecham e as luzes se apagam. O amanhecer é tão silencioso que é possível ouvir o movimento das águas do Rio Tâmesa do lado de fora. Kim estava muito feliz com seu novo emprego como segurança, o salário era bom e tudo o que ele tinha que fazer era caminhar lentamente pela área todas as noites, carregando um cassete que nunca usaria no cinto e segurando uma lanterna na mão esquerda. Era bom, mas nas últimas noites algo estava diferente.

Em algum lugar entre as escadas e as arquibancadas, Kim percebe que está sendo seguido. Ele ouve passos atrás de si, toc toc toc, mas toda vez que olha para trás, se depara com o vazio. Não era a primeira vez que algo assim acontecia, mas Robert, o segurança do horário da manhã, disse que a acústica de um teatro sem teto causa ecos, e que os ruídos eram o som de seus próprios passos. Kim se convenceu, mas a explicação não tornou a experiência menos assustadora.

Ao passar entre os assentos, Kim ouviu algo mais, algo além de passos, ouviu... "Minha hora está quase chegando... Quando eu, às chamas sulfurosas e atormentadoras, devo me entregar..." Shakespeare? Uma frase proclamada terrivelmente, mais um grasnido do que uma voz, alta e arrepiante, não importava para onde olhasse, Kim não conseguia encontrar o responsável. Seria uma brincadeira? Talvez seu colega estivesse pregando uma peça nele, mas... Ele ouviu de novo, suas pernas começaram a tremer e sua lanterna quase foi para o chão. Ele engasgou ao perceber que a voz estava cada vez mais perto...

Seu pulso acelera e ele se prepara para correr, mas é interrompido por um objeto voador que se aproxima rapidamente, perto demais. Em vez de atacá-lo, a coisa passa rente ao seu rosto, obrigando Kim a dar um passo para trás. Quando tem certeza de que não será morto, Kim observa atentamente a "coisa". Um corvo, um corvo que o encara, um corvo que abre o bico e recita Shakespeare.

Este é o momento em que qualquer um daria um suspiro de alívio e riria do mal-entendido, qualquer um menos Kim, que tem medo de pássaros e foge em desespero.

Ele se demite no dia seguinte.

08. Detetive Kim

Normalmente, Kim não prestaria muita atenção em um animal abandonado, pois há muitos deles espalhados pela cidade, mas havia algo nesta situação que chamou imediatamente a atenção de Kim: manchas de sangue carimbaram o chão por onde passavam as patas do animal.

E Kim era um polícia. Um novato, sim, mas ainda assim um policial e havia coisas que ele não podia ignorar, sendo um cão coberto de sangue uma delas. Ele aproximou-se calmamente do animal, que parecia assustado e, depois de muita paciência, conseguiu apanhá-lo.

O que aconteceu? Talvez seja um local de crime... um assassinato? Tortura? É isso que eu preciso de descobrir, pensa Kim, antes de se dirigir à sua primeira testemunha.

— Já viu este cão por aqui?

— Não, não vi, — responde Alfredo, o mendigo que vive na esquina.

— E a senhora, Sra. Karen? — pergunta o polícia à mulher que ouviu toda a conversa da janela do seu apartamento.

— Eu não gosto de fofoca, mas eu vi esse cachorro perto da loja do Antônio.

Uma pista! Uma boa pista! Kim sorri enquanto se apressa a continuar a sua investigação.

— Isso não é da sua conta, — responde Antônio. — Mas se quer mesmo saber, este cão gosta de mexer no meu lixo, se toca nos restos de carne, fica cheio de sangue!

Ah... então não houve homicídio? Bem, este foi mais um caso resolvido pelo grande policial Kim!

09. Uma família tradicional

A casa era realmente assombrada, como Bob descobriu ao invadir a cozinha e encontrar uma família de fantasmas jogando Twister.

— Você está bem? — pergunta o pai translúcido depois que Bob se recupera do susto.

— Acho que vou ficar bem — responde ele, com as mãos um pouco trêmulas.

— Vocês estão mesmo mortos?

O fantasma da criança atravessa uma mesa e se aproxima desconfortavelmente de Bob.

— Claro, somos fantasmas.

— Não somos maus — acrescenta a mãe, com medo de assustar o visitante.

— Éramos aristocratas franceses no final do século XVIII. Foi uma época sombria — explica o pai.

— Quer jogar? — pergunta o filho, apontando para o jogo.

Essa família é legal, pensa Bob antes de aceitar o convite.

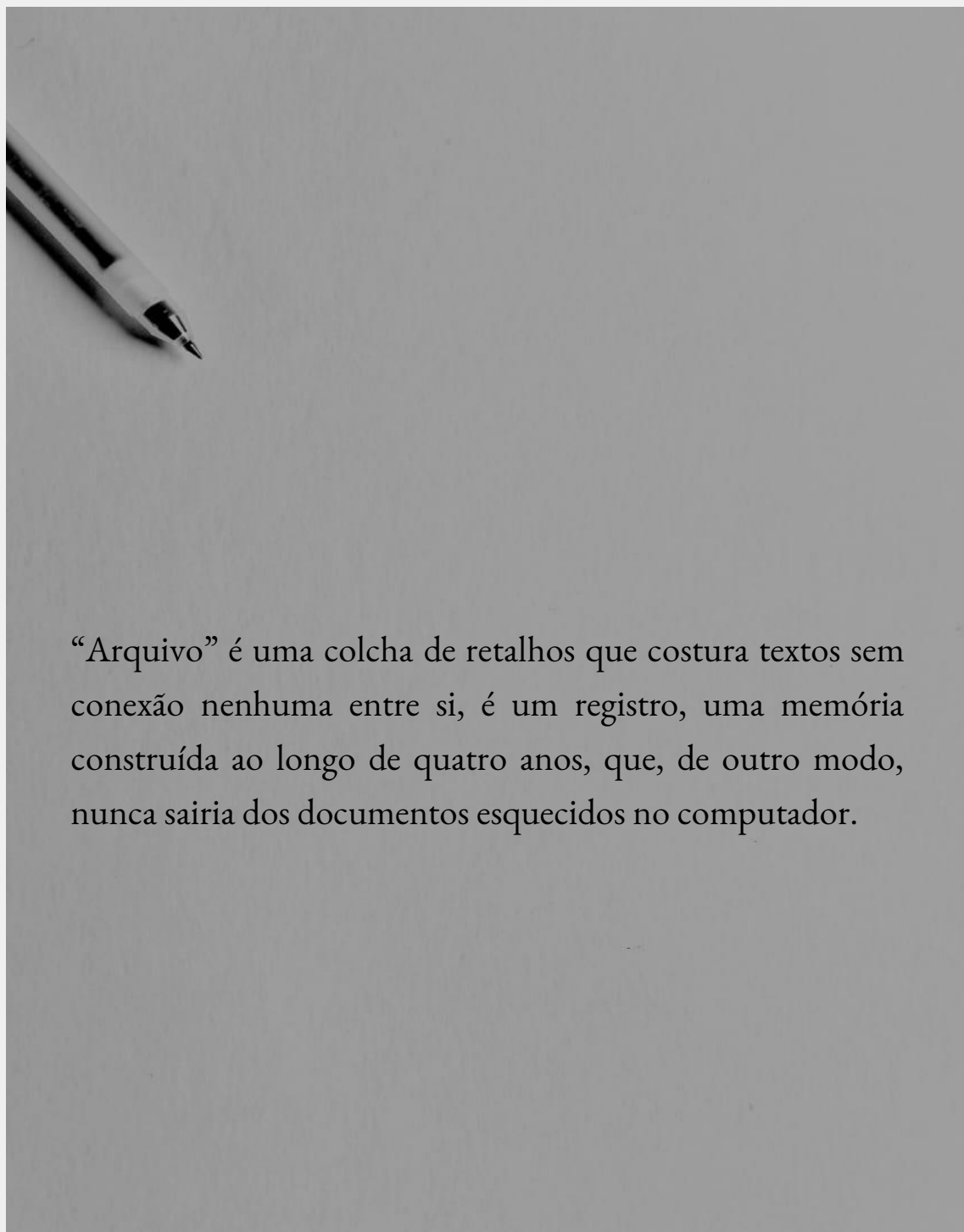
10. Arquivos

Ela remexe a gaveta, papelada voar pelo ar, rola pelo chão do quarto, uma folha particularmente atrevida atinge o rosto do gato que observava tudo sem querer se comprometer com a bagunça, mas ao ser confrontado não pode deixar de se jogar de cabeça e iniciar uma batalha mortal com o pedaço de papel.

Ela deixa a gaveta de lado e passa para o baú escondido embaixo da cama, uma nuvem de poeira atinge seu rosto, mas ela não se deixa abater, tira de lá todos os manuscritos, os mais recentes e os antigos, os que já estão amarelados, os inacabados, os esquecidos, ela tira todos eles e os espalha pelo chão para facilitar sua busca.

Ela lê um por um, relembra dos momentos em que escreveu cada coisa, suas intenções, encontra ideias que revivem suas inspirações, encontra ideias terríveis, ela ri com alguns escritos e chora ao ler outros. Ela passa por cada um deles, cada emoção, cada história, encontra de tudo, mesmo o que procurava.

Ela observa o caos, respira fundo e se alonga, então começa a longa tarefa de organizar sistematicamente todos os seus arquivos.



“Arquivo” é uma colcha de retalhos que costura textos sem conexão nenhuma entre si, é um registro, uma memória construída ao longo de quatro anos, que, de outro modo, nunca sairia dos documentos esquecidos no computador.